

assumida, não anula as consequências que retira da funcionalidade da certeza em Wittgenstein, desdobrando um leque de questões em aberto que reflectem, em parte, a própria amplitude do texto original.

João Sardo Mourão

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa  
joao.sardo.mourao@gmail.com

DOI: [https://doi.org/10.14195/0872-0851\\_53\\_11](https://doi.org/10.14195/0872-0851_53_11)

Tobias Endres, Timo Klattenhoff, Pellegrino Favuzzi (Eds.), *Philosophie der Kultur – und Wissensformen: Ernst Cassirer neu lesen*, Frankfurt am Main: Peter Lang, 2016, 313 páginas.

Muito por causa da repercussão da edição da sua obra póstuma, são inúmeras as monografias que, nestes últimos anos, têm sido dedicadas ao pensamento filosófico de Ernst Cassirer. Os textos reunidos em *Philosophie der Kultur- und Wissensformen: Ernst Cassirer neu lesen* espelham, sobremaneira, e com grande acuidade analítica, o espectro transdisciplinar da filosofia cassireriana, ao mesmo tempo que lhe devolvem os seus eixos conceptuais fundamentais. Estas duas dimensões encontram-se, particularmente, bem presentes nos quatro textos que se ocupam das formas de externalização da capacidade simbólica do ser humano. Da pintura (Yosuke Hamada, pp. 71-92) ao universo da imagem cinematográfica (Peter Remmers, pp. 55-70) e das novas tecnologias digitais (Rafael Garcia, pp. 93-112) às formas de mediação monetárias (Timo Klattenhoff, pp. 113-136), eis as temáticas nucleares que dão relevo à formulação cassireriana de “forma simbólica” como articulação entre sentido (*Sinn*) e sensibilidade (*Sinnlichkeit*). De facto, tal articulação presta-se, no quadro teórico de uma filosofia da cultura, a várias aplicações e interpretações, não estando, por isso, refém das principais formas simbólicas analisadas pelo filósofo alemão. Mas, de todas essas formas amplamente teorizadas por Cassirer, é, sem dúvida, a do mito que mais tem servido o renascimento da sua obra. Logo após a morte do autor, a publicação de *The Myth of the State* veio acrescentar à análise das dimensões mitológicas da cultura – nomeadamente aquelas que provém da sociabilidade comunitária – o questionamento da sua reprodutibilidade política e técnica. Os textos de Pellegrino Favuzzi (pp. 183-212) e Gisela Starke (pp. 213-238) dão corpo reflexivo a essa segunda etapa do pensamento cassireriano, onde é possível vislumbrar o binómio “razão-emoção” nas fundações modernas da filosofia política e a sua programação ideológica operada pelo regime nazi.

A questão da transformação da filosofia numa *Kulturphilosophie* esteve sempre inscrita nos desígnios da obra de Cassirer. Porém, e ao contrário de certas interpre-

tações aligeiradas que consideram a ideia de *animal symbolicum* como uma mera abreviação semiótica da antropologia cassireriana, aquilo que, teoricamente, marca tal transformação está longe de poder ser reduzido a uma hierarquização das principais modalidades de sentido que estruturam o universo cultural. A própria formação do símbolo obedece, simultaneamente, a formas de agir, a configurações da práxis, que, por sua vez, se cristalizam em representações, conceitos e imaginários (Joel-Philipp Krohn, pp. 257-282). Por outro lado, dado o perfil dinâmico dos fenómenos culturais, intenta Cassirer ultrapassar os regimes epistémicos dualistas, nomeadamente os do naturalismo e do historicismo (Servanne Jollivet, pp. 239-256). Como se depreende do contributo de Felix Schwarz (pp. 137-162), as tensões e resistências entre natureza e cultura, animal e homem, vida e espírito são intuídas e preservadas pelo filósofo através da inclusão das vivências expressivas no âmago dos processos de formação de sentido. Logo, assim concebida, a *Kulturphilosophie* pressupõe uma fenomenologia da percepção (Tobias Endres, pp. 35-54), cuja natureza programática toma em linha de conta a consciência do sensível já a partir das manifestações sensíveis de cada forma simbólica. Este último aspecto, embora com múltiplas ressalvas teóricas (Sevilay Karaduman, pp. 163-182), aproxima o método fenomenológico de Cassirer do de Hegel.

Por último, como compreender, então, o estatuto da filosofia face à heterogeneidade das formas simbólicas? Deve a própria filosofia ser, igualmente, pensada como uma forma simbólica, já que, como se infere do contributo de Christian Möckel (pp. 23-34), todas as formas simbólicas têm o registo de “formas do saber”? Uma resposta a estas duas questões pode ser encontrada no texto de Claudio Bonaldi (pp. 283-302). Segundo Bonaldi, o saber filosófico não pode, em Cassirer, ser equiparado ao universo simbólico gerado pelas formas culturais; ele deve, pelo contrário, reconstruir, com rigor lógico, a dinâmica das modalidades de sentido que provém de cada forma simbólica. A sustentar esta última tese encontra-se a ideia cassireriana de uma filosofia que, através da sua crítica do criado, é capaz de objectivar, preservar e ampliar as próprias possibilidades de criação humanas.

*Joaquim Braga*

Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Unidade I & D I.E.F.

bragajoaquim77@gmail.com

DOI: [https://doi.org/10.14195/0872-0851\\_53\\_12](https://doi.org/10.14195/0872-0851_53_12)